



RESENHA

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Tradução de Livia de Oliveira) São Paulo: DIFEL, 1983.

Livia Rita Castro dos Santos – UFBA – Salvador – Bahia – Brasil

li.castros07@gmail.com

Com o intuito de abordar questões voltadas para as relações de espaço e de lugar especificamente sobre as experiências no espaço vivido, o livro *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência, de Yi-Fu Tuan (doutor em Geografia, foi professor universitário e autor de vários livros, dentre eles *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente) apresenta reflexões pertinentes para o estudo das Ciências Humanas e Sociais. De acordo com o autor, a discussão central do livro está pautada na compreensão de como os seres humanos experienciam o mundo. A obra divide-se em doze capítulos, excluindo prefácio, introdução, epílogo e notas: o primeiro, “Perspectiva Experiencial”, o segundo “Espaço, Lugar e Criança”, o terceiro “Corpo, Relações Pessoais e Valores Espaciais”, o quarto “Espaciosidade e Apinhamento”, seguindo dos capítulos, “Habilidade Espacial, Conhecimento e Lugar”, “Espaço Mítico e Lugar”, “Espaço Arquitetônico e Conhecimento”, “Tempo no Espaço Experiencial”, “Experiências Íntimas com o Lugar”, “Afeição pela Pátria”, “Visibilidade: A Criação de Lugar” e por fim “Tempo e Lugar”.

O primeiro capítulo discorre sobre o termo experiência, que é considerado o termo-chave do livro, o mesmo é descrito como distintas formas que um indivíduo tem de conhecer e produzir a realidade. A experiência também é explicitada por Tuan (1983), como uma habilidade de aprender através da bagagem individual, dos aprendizados, da vivência. Outra questão interessante explorada pelo autor, são os

órgãos sensoriais, que possibilitam experiências com o espaço, de tal maneira que as pessoas acabam desenvolvendo sentimentos de pertencimento sobre o mundo vivido.

No segundo capítulo, Tuan (1983) faz uma indagação referente à criança e a compreensão sobre o seu meio ambiente. Do adulto precede a criança, com essa ideia o autor enfatiza que as categorias perceptivas derivam das primeiras experiências, assim as lembranças e os momentos marcantes da infância podem aflorar sentimentos e construir o espaço experiencial. É importante destacar que Tuan (1983) traz uma alerta em relação a percepção do lugar pelo bebê, dizendo que o mesmo não sabe distinguir o seu eu do mundo exterior, um exemplo apresentado é quando o bebê chora, não se sabe qual parte do corpo está doendo, mas ele responde com o choro. Com o passar do tempo e sua adaptação sobre o espaço, a criança vai construindo referenciais e desenvolvendo habilidades espaciais, como: engatinhar, verbalizar, reconhecer pessoas, casas. Nesse caso, o significado de lugar para uma criança pequena pode ser a mãe ou o brinquedo que mais lhe agrada, Tuan (1983, p.34) corrobora dizendo “a ideia de lugar para criança torna-se mais específica e geográfica à medida que ela cresce”. Outra questão apresentada pelo referido autor é a diferença do sentido de lugar entre uma criança e um adulto, enquanto para a criança uma bicicleta velha pode se transformar em uma bicicleta voadora, em um mundo da fantasia criado por ela, para o adulto uma bicicleta antiga no fundo do quintal da casa da avó pode trazer inúmeras recordações. Justifica-se porque a criança ainda está em processo de construção de memórias afetivas, o olhar dela é sobre o futuro e algumas coisas lhe parecem comuns.

O capítulo “Corpo, Relações Pessoais e Valores Espaciais”, fala sobre as relações que ocorrem no espaço, afirmando em princípio, que a diversidade cultural implica em distintas formas de experienciar o mundo. No entanto, as pessoas partilham de identidades parecidas o que possibilita a organização do espaço e conseqüentemente suas relações sociais. Outra noção discutida é o corpo, para Tuan (1983), o corpo ocupa e ordena o espaço, assim contribui para os esquemas espaciais que o ser humano cria. O corpo também pode ser considerado uma extensão da mente e reflexo das experiências culturais. O autor disserta também sobre as posições e coordenadas do corpo, utilizando noções como: em pé, lado direito, lado esquerdo, para discutir sobre

as relações e articulações que ocorrem no espaço, para Tuan (1983, p.50) “[...] em sentido literal, o corpo humano é a medida de direção, localização e distância”.

O quarto capítulo “Espaço e Apinhamento”, descreve logo na introdução sobre a diferença entre os termos: Espaciosidade e Apinhamento. Para tanto, o autor apresenta seu ponto de vista, alertando que espaciosidade está associada a ter espaço suficiente para realizar determinada tarefa, como exemplo, Tuan (1983, p.58-59) fala sobre o espaço de uma faculdade, que a mesma pode apresentar salas, laboratórios e bibliotecas, no entanto, esses ambientes devem ser espaçosos para os estudantes terem uma experiência direta do espaço por meio do movimento. Já o apinhamento, é interpretado como a ocupação do espaço por pessoas ou objetos, o que pode chegar a afetar a sensação de liberdade e a escala de mundo do indivíduo, salientando que para Tuan (1983), a dimensão do apinhamento gerado por objetos é secundário, porque da sua baixa influência, que os tornam às vezes invisíveis. Um exemplo para uma melhor compreensão do que é apinhamento, é quando uma bailarina está dançando sozinha no salão, ensaiando sua coreografia e chega alguém e passa a observá-la, dessa forma ela deixa de ser a única pessoa dominando aquele espaço, podendo perder seu sentido de organização. É importante enfatizar que as pessoas são seres sociais, dessa forma, vamos compartilhar espaços e produzi-los coletivamente.

O capítulo “Habilidade Espacial, Conhecimento e Lugar”, na sua introdução trata sobre as habilidades desenvolvidas pelos animais e seres humanos, o que chama atenção é quando Tuan (1983, p.77) diz que “a habilidade espacial se transforma em conhecimento espacial quando podem ser instituídos os movimentos e as mudanças de localização”. O autor quer dizer que a habilidade espacial pode ser adquirida antes do conhecimento espacial, isso acontece porque das experiências sensoriais e cinestésicas, um exemplo apresentado é o sonambulismo, a pessoa sonâmbula age em sono profundo, o corpo se movimenta, mas o cérebro não consegue registrar a informação conscientemente. Um outro exemplo é quando um indivíduo desfruta de habilidade espacial e também de competência geográfica na falta de um conhecimento consciente. No entanto, o conhecimento espacial amplia a habilidade espacial. Para Tuan (1983) a sociedade influencia no desenvolvimento das habilidades espaciais, justifica-se na forma

como alguns povos dominam a natureza para sua sobrevivência, como conhecem o lugar que habitam ao ponto de não precisarem fazer um esforço consciente para organizar o espaço.

Na parte “Espaço Mítico e Lugar”, o autor apresenta no início a noção de mito, associando a construção de ideias na insuficiência de um fundamento preciso. Para tanto, o mesmo mostra dois tipos de espaço mítico, enquanto um é caracterizado como uma área imprecisa de conhecimento, o outro é visto como um elemento espacial de uma visão de mundo. Esse primeiro pode ser exemplificado com o mundo que criamos na nossa imaginação e também o campo não percebido. Já o segundo tipo de espaço mítico, está relacionado a compreensão sobre o meio ambiente e cosmologia.

No capítulo “Espaço Arquitetônico e Conhecimento”, Tuan (1983) traz à tona a experiência atrelada à construção do espaço e como o espaço pode apresentar significados relacionados às sensações e às percepções. Outro aspecto apresentado pelo autor, é a ideia de conhecimento espacial e como alguns povos tradicionais e primitivos no processo de construção de moradias passam por cerimônias.

Tuan (1983) em “Tempo no Espaço Experiencial” deixa em evidência a relação do tempo com o espaço, o autor apresenta analogias ao fazer essa associação (espaço e tempo), dizendo que na sociedade moderna as pessoas se preocupam com o horário que vão chegar em determinado compromisso, se tem vaga para estacionar, se vai sobrar tempo para realizar alguma atividade de lazer na correria do dia a dia. Uma classificação interessante apresentada por Tuan (1983, p.124) foi o espaço subjetivo e espaço objetivo. Enquanto o espaço subjetivo está relacionado ao aspecto interno da experiência, o espaço objetivo faz associação com o tempo e a distância. Aponta também a noção de tempo histórico e o espaço orientado, como se o lugar projetado no futuro criasse o tempo histórico.

Na parte “Experiências Íntimas com Lugar”, Tuan (1983, p.151), afirma que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire função e significado”, o autor está querendo dizer que existem diversas maneiras de experienciar o espaço e com diferentes intensidades, é alusivo ao contexto e as relações que ocorrem, portanto passam a ganhar significado, dando ênfase para os vínculos mais afetivos fazendo-se

lugar. Tuan (1983) apresenta relatos de experiências com o lugar, trazendo exemplos de pessoas que consideram sua casa seu lar, sua cidade como seu lugar ou relatos de que o seu lugar está associado a uma relação humana, como exemplo casais que estão juntos há mais de 40 anos e na ausência de algum deles, as coisas que faziam em companhia ou os lugares que frequentavam perderam o significado.

No capítulo “Afeição pela Pátria”, logo na introdução o autor apresenta questionamentos e discorre sobre a pátria enquanto um lugar de destaque na vida das pessoas. Fazendo um raciocínio histórico, Tuan (1983), coloca em evidência diversos povos e o modo pelo qual se relacionam com o seu espaço, as relações na cidade, nas famílias, as centralidades e o poder exercido. Tuan (1983) chama atenção quando diz que a afeição à pátria não é um fato isolado, compreende diversas escalas e vertentes. As relações que ocorrem na terra, pátria enquanto terra, simboliza resistência e a valorização da cultura, a preservação dos monumentos históricos e dos atrativos turísticos de determinada localidade que potencializam o sentimento de pertencimento e identidade de um povo.

O tópico “Visibilidade: A Criação de Lugar” apresenta uma explanação sobre como os lugares ganham notoriedade, essa importância é relativa e pode fazer referência ao aspecto natural, cultural, dentre outros. A visibilidade do lugar também perpassa pelos detalhes e pelo olhar direcionado a ele, às vezes, muitas pessoas estão no mesmo ambiente e só uma consegue observar um objeto com mais atenção. Outro aspecto relevante tratado por Tuan (1983) são as dimensões significativas da cidade, do bairro, da rua, da casa e a formação da consciência de um lugar. O autor corrobora dizendo que “[...] os lugares muito queridos não são necessariamente visíveis [...]” (1983, p.197). Isto é, a identidade do lugar é construída pelas pessoas, pela comunidade a partir das vivências e das suas necessidades com o lugar.

No último capítulo intitulado “Tempo e Lugar”, Tuan (1983) fala que a relação espaço e tempo requer distintos enfoques e destaca três abordagens (tempo como movimento; afeição pelo lugar como uma função de tempo; e lugar como tempo tornado visível). Ao falar sobre movimento, o autor compara com a direção, fazendo uma relação como tempo direcional e o movimento no espaço enquanto meta, para

tanto, ele apresenta alguns exemplos, um deles é fazendo referência ao cargo que uma pessoa pretende alcançar dentro de determinada empresa, ou seja, a meta está voltada para o futuro, considerando-se um traço característico nas ações de um povo, para Tuan (1983, p.199), “a meta é uma das três categorias de lugar que pode ser diferenciada quando o movimento é em uma direção [...]”. Ao falar sobre afeição pelo lugar, Tuan (1983) destaca que a intensidade possui uma maior relevância do que a extensão, isso porque, uma experiência curta pode ser tão significativa ao ponto de desenvolver um sentido de lugar. Sobre a abordagem do lugar como tempo tornado visível, podemos associar aos objetos, prédios, monumentos, museus e outros, enquanto representação de uma história viva o que possibilita o resgate de um passado que se torna visível para as pessoas e a geração futura. À vista disso, o movimento no tempo também pode significar lugar como pausa, a afeição por um lugar é construída a partir da intensidade e sentir-se ligado a um lugar é uma experiência diferente de nutrir um senso de pertencimento sobre o mesmo.

Ao longo do livro, Yi-Fu Tuan buscou promover uma reflexão na perspectiva da experiência, tendo o espaço e o lugar como elementos do meio ambiente intimamente conectados. As inúmeras indagações percorridas pelo autor durante a obra e os exemplos apresentados, permitem que o leitor faça inferências críticas e construa raciocínios sobre as experiências no espaço vivido. O livro apresentado é instigante para estudantes e pesquisadores voltados para a área das Ciências Humanas e Sociais, para aqueles que trabalham ou querem desenvolver pesquisas na linha da Geografia Humanista.

REFERÊNCIAS

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Tradução de Livia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 1983.

Livia Rita Castro dos Santos – Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, na linha de Análise Urbana e Regional. Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí. Graduada no curso de Licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus Salvador. Pesquisadora vinculada ao grupo Geopraxis - A Prática do Ensino e da Pesquisa em Geografia (IFBA).

Recebido para publicação em 13 de julho de 2023.

Aceito para publicação em 30 de março de 2024.

Publicado em 31 de março de 2024.